

MULTILETRAMENTOS E GÊNEROS DISCURSIVOS NA HIPERMODERNIDADE

Resenha de: ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline M. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

Cristiane Dominiqui Vieira Burlamaqui¹

Jonilson Pinheiro Moraes²

O livro intitulado *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos* é fruto da parceria entre Roxane Rojo em coautoria com Jacqueline Peixoto Barbosa. Lançado em 2015, este livro possui 150 páginas, compõe a coleção *Estratégias de Ensino* da editora Parábola Editorial, foi prefaciado por Carlos Alberto Faraco e a apresentação é das próprias autoras.

Organizado em quatro capítulos, chama atenção por mesclar a perspectiva aplicada ao rigor dos estudos científicos sobre discurso, sociedade hipermoderna e os (multi)letramentos. Utiliza-se de uma lógica crescente não linear, pois Rojo e Barbosa expõem os conceitos-chaves sobre gêneros do discurso oriundos dos trabalhos de Bakhtin e do Círculo e trazem para o leitor as primeiras reflexões sobre o tema, presentes na Grécia antiga, mais precisamente aquelas originárias nos estudos da Poética e da Retórica aristotélica, assim como apresentam discussões recentes sobre as maneiras de participação, comunicação e interação social, das quais os gêneros discursivos fazem parte na sociedade contemporânea hipermoderna. Ao empregar uma abordagem didática, as autoras demonstram a atualidade daquelas perspectivas teóricas ao tratar da indissolubilidade entre práticas sociais de uso da linguagem e os gêneros do discurso – um dos postulados bakhtinianos – e demonstram, por meio dos gêneros monomodais e multimodais (letras de músicas, ilustrações, esquemas, proposta de atividades etc.), sua aplicabilidade nas práticas de letramento escolar.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo. E-mail: crisburla@hotmail.com

² Mestrando em Letras – Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. E-mail: jonilsonmoraes7@gmail.com

Roxane Rojo é doutora em Linguística Aplicada ao ensino de línguas pela PUC/SP, pós-doutora em Didática de Língua Materna pela Faculdade de Psicologia e Ciência da Educação da Universidade de Genebra, atualmente é livre docente associada ao Departamento de Linguística Aplicada da UNICAMP e pesquisadora 1C do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Jacqueline Barbosa também é doutora em Linguística Aplicada ao ensino de línguas pela PUC/SP e docente do Departamento de Linguística Aplicada da UNICAMP.

Este livro vem complementar as discussões sobre os multiletramentos, a partir de gêneros discursivos multimodais ou não por meio das Novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (NTDIC), desenvolvidas em outros volumes organizados por Roxane Rojo, como *Escola Conectada: os multiletramentos e as TICs* e *Multiletramentos na escola*. Esses trabalhos têm em comum o fato de relacionar os gêneros do discurso produzidos na contemporaneidade (sobretudo aqueles que têm como suporte midiático as tecnologias digitais) aos debates que emergiram no campo dos multiletramentos. Nesse sentido, Rojo tem contribuído bastante para a recepção crítica e divulgação, no Brasil, da teoria dos Multiletramentos, cunhada nos trabalhos do *New London Group (Grupo de Nova Londres)*, na década de 1990.

No primeiro capítulo, intitulado “Gêneros discursivos: o que são?”, as autoras se baseiam nas perspectivas teóricas bakhtinianas sobre os gêneros do discurso, e apresentam tais perspectivas permeadas e acomodadas nas atividades de fala/escrita e escuta/leitura de nossa vida cotidiana, estruturando nossa comunicação. Em seguida, as autoras retomam, de maneira bem didática, a distinção proposta por Bakhtin, em *Os gêneros do Discurso*, entre os gêneros primários (os quais ocorrem nas enunciações cotidianas (mais simples e privadas) e comuns na modalidade oral) e os gêneros secundários (que ocorrem nas diversas esferas da atividade e comunicação humana e são mais complexos, com funções formais e oficiais, geralmente estão materializados na modalidade escrita) pontuando que cada gênero encontra-se encaixado em atividades sociais estruturadas. Ainda nesse capítulo, as autoras lançam mão de uma definição proposta por Bazerman (2005) para os gêneros do discurso, apresentados em forma de textos tipicamente padronizadas, inteligíveis e reconhecíveis pelos interlocutores, e que se relacionam com outros textos ou gêneros que se dão em circunstâncias correspondentes. Há a preocupação em diferenciar o texto/enunciado dos gêneros do discurso, apresentando o primeiro como um dito (escrito ou pensado), único, não repetível e concreto,

significante que se materializa na língua(gem), e o segundo, os gêneros do discurso, como universais concretos em circulação na sociedade.

Para as autoras, os gêneros são universais porque se constituem como formas de dizer/enunciar/discursar enredadas pela história sociocultural de uma sociedade e, por meio dos saberes das pessoas, circulam nela, e concretos porque só se concretizam na forma de textos orais/escritos/multimodais. E por fim, fazem um breve histórico das reflexões sobre o conceito de “gêneros”, desde a *Poética* e a *Retórica* de Aristóteles até chegar a Bakhtin e o Círculo, que inicialmente discutiam com os formalistas russos, criticando-os por causa do tratamento dado aos gêneros pelas propriedades formais, dotando, depois, esse conceito de outro sentido, que agora se interessa pela significação das enunciações preñes de ideologia e de valoração, ficando a definição de gêneros subordinada às esferas da atividade humana.

No segundo capítulo, intitulado “Os gêneros integram práticas sociais situadas”, Rojo e Barbosa partem do pressuposto que um letramento sempre se dá em algum gênero e apresentam o conceito de práticas sociais, às quais os gêneros discursivos integram e nas quais são gerados e formatados, como ações racionais situadas em esferas de atuação específicas envolvendo uma ética e convocando a responsabilidade social. Utilizando como base o conceito de *práxis* postulado por Karl Marx, afirmam que as *práxis* exigem ética de natureza diversa e introduzem o conceito de *esferas da ética*, de Hegel, constituídas a partir das práticas intersubjetivas, e o conceito de *esferas de atividade/ação/atuação humana*, tidas como estruturas sociais produzidas em interação social pelos indivíduos.

As autoras abordam, ainda, os conceitos de *campos* que são os microcosmos sociais que possuem valores, objetos e interesses específicos, e de *habitus* que é uma competência prática, ganhada na ação no campo, do sociólogo Bourdieu, o qual destaca que entre os *habitus* estão o falar, o escrever e o comunicar interagindo, ou seja, os gêneros discursivos. Desta maneira, esclarecem as relações entre os gêneros discursivos e as esferas de atividade humana, ao afirmarem que estas se caracterizam como esferas de comunicação verbal estando relacionadas aos vários tipos de atividade humana, em que cada esfera produz tipos temáticos, composicionais e estilísticos de enunciados relativamente estáveis, os gêneros do discurso.

Rojo e Barbosa acrescentam que as esferas de atividade humana/comunicação verbal não são estáticas, pois se transformam junto com as mudanças históricas, sociais e culturais e nem são estanques, já que estão relacionadas estreitamente e influenciando-se mutuamente, funcionando, muitas vezes, de maneira imbricada ou híbrida. Discorrem sobre divisão/contraposição das esferas públicas e privadas, esferas de comunicação verbal e esferas

de comunicação cultural, esferas da vida cotidiana e esferas da vida oficial. Por fim, apresentam a relação entre enunciado/texto e a enunciação dispostas como possibilidades deixadas pela esfera/campo de comunicação, e acrescentam que as *apreciações valorativas* sobre o tema do enunciado e os parceiros da enunciação são os mais importantes para a *vontade enunciativa*, determinando a escolha do gênero e a realização concreta do enunciado.

No terceiro capítulo, intitulado “Como se organizam os gêneros”, as autoras discorrem sobre como os gêneros se organizam, mostrando que eles são (re)conhecidos tanto pelos temas e funções que viabilizam, pelo estilo de linguagem e pela forma dos textos aos quais pertencem, os quais são definidos como os elementos característicos e indissociáveis dos gêneros, são assim descritos: tema, é o conteúdo que pode ser inferido da apreciação de valor, do acento valorativo concernente a avaliação que o locutor dá ao texto; estilo, são as escolhas linguísticas feitas para chegar ao sentido desejado do que se quer dizer e; forma de composição, é a organização e o acabamento do todo textual.

Rojo e Barbosa tratam, ainda, da flexibilidade dos gêneros, tidos como apenas relativamente estáveis, sendo flexíveis de acordo com a realização de práticas enunciativas que fogem às regularidades, e introduzem os conceitos de intercalação e hibridismo, responsáveis pela flexibilidade na realização de um gênero. Por fim, as autoras apontam algumas características dos textos multimodais, próprios da contemporaneidade, argumentando que a multimodalidade deve ser levada em conta para os efeitos de sentidos e para a análise em termos de forma de composição e/ou de estilo dos textos contemporâneos, os quais estão cada vez mais hipermediatizados.

No quarto e último capítulo, “Gêneros do discurso, multiletramentos e hipermodernidade”, as autoras tratam das mudanças que o mundo passou na hipermodernidade com o surgimento das NTDIC e, também, discutem as novas formas de ser, de se relacionar, de se comportar, de se informar, de discursar, de aprender etc., emergentes na vida social da contemporaneidade. Rojo e Barbosa, com base em Charles (2009), tratam o conceito de hipermodernidade salientando a radicalização da modernidade e não a sua superação, já que os princípios desta, como racionalidade técnica ou desenvolvimento tecnológico-científico, economia de mercado, valorização da democracia e extensão da lógica individualista, continua vigorando e se renovando, e, ainda, expõem algumas de suas características, entre as quais estão: hipercomplexibilidade, hiperconsumismo, hiperindividualismo, hipernarcisismo, hiperídia, hipertexto, hiperinformação etc., caracterizados pelo prefixo “hiper-”.

Rojo e Barbosa afunilam o debate ao refletir sobre as mudanças, no fluxo da comunicação, causadas pela Web 2.0, e concluem que a informação continua sendo um bem de consumo. A partir de Jenkins (2009), as autoras ressaltam que o paradigma em voga é o da cultura da convergência, impulsionadora da cultura participativa, na qual consumidores produzem novos conteúdos, e asseguram que nunca antes as concepções bakhtinianas puderam ser tão evidenciadas quanto com as novas mídias e práticas sociais, e que ações como curar, seguir, apreciar, taguear, remixar e hibridizar os textos, concretizam o funcionamento dos gêneros discursivos, já previsto por Bakhtin.

As autoras discorrem sobre a qualidade das informações que precisam de curadoria para selecioná-las, organizá-las, hierarquizá-las, apresentá-las etc., e de participação em circulação nas mídias digitais, colocando a Web 3.0 como indicador do hiperconsumismo. Destacam, também, os gêneros hipermediáticos na escola, retomando criticamente o contexto de proposição da pedagogia dos multiletramentos, do Grupo de Nova Londres, que engloba as multiplicidades de culturas, de linguagens/multissemioses e mídias, comentando que a cultura dita “cultura” é ainda quase exclusivamente privilegiada pela escola, sem levar em conta os multi e os novos letramentos (as práticas sociais), os procedimentos e os gêneros em circulação nos ambientes digitais do mundo hipermoderno. Rojo e Barbosa apontam para a possibilidade de contemplar esses novos gêneros organizando-os por esferas de circulação dos discursos, e finalizam o volume sugerindo a eleição de quatro esferas da maior importância para a vida cultural, privada e pública, que podem ser utilizadas na escola: a esfera jornalística, a esfera de divulgação científica, a esfera de participação na vida pública e a esfera artístico-literária.

O livro apresenta capa, encadernação e diagramação, contendo muitas ilustrações, boxes de glossário (os quais buscam esclarecer conceitos citados no decorrer do texto), notas explicativas, sínteses, atividades com questões e respostas no final de cada tópico dos capítulos (a fim de retomar e aprofundar o que foi discutido), sugestões de como o professor pode utilizar tais atividades em sala de aula, indicações no final dos capítulos de *sites* para acesso aos conteúdos, mídias e leituras para aprofundamento e esclarecimento sobre os assuntos abordados e, também, indicações de leituras de livros e de filmes com o objetivo de “operacionalizar e fazer entender/vivenciar os conceitos discutidos para sua utilização no ensino” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 13). Além disso, a linguagem usada é clara e objetiva, com exemplos, apontado para o caráter teórico-didático do volume.

Apesar de o título do livro englobar três temáticas, percebemos que o livro prioriza a discussão sobre os gêneros do discurso, apresentando uma contribuição atualizada bastante proveitosa e relevante sobre aquele: sua definição, histórico e constituição; suas relações com as práticas sociais e as esferas de atividade humana/comunicação verbal (nas quais eles se originam e se desenvolvem) e com o enunciado e a enunciação; seus elementos integrantes e indissociáveis (tema, estilo e forma composicional); sua flexibilidade e os processos de intercalação e hibridização.

Observa-se que a obra apresenta os multiletramentos e a hipernormatização como um complemento para a discussão sobre os gêneros do discurso na atualidade, tendo como foco a contribuição da teoria bakhtiniana para a compreensão das mudanças genéricas e das composições híbridas e multimodais. O quarto capítulo desenvolve, de forma tímida, um debate sobre as relações entre o mundo hipermoderno – com suas novas práticas sociais, a cultura nas redes, as NTDIC, as esferas de circulação dos discursos, os novos gêneros discursivos multimodais – e os multiletramentos gerados e requeridos por quem pode e deve abordá-los criticamente na escola.

Desta maneira, vale ressaltar que Rojo e Barbosa organizam suas reflexões em torno do debate sobre os gêneros do discurso, o qual está presente em todos os capítulos de maneira contundente, ora tratando da integralidade das práticas sociais situadas por esses gêneros, ora abordando os multiletramentos causados e exigidos pelos gêneros discursivos próprios da hipernormatização. Trata-se de uma importante contribuição para imersão nos estudos sobre gêneros propostos pela teoria bakhtiniana, que pode ser indicada como material introdutório àqueles que pretendem se aventurar nos estudos do discurso, à luz da teoria dialógica bakhtiniana, e sua relação com a produção discursiva da atualidade.

Dessa forma, apesar das contingências pontuadas, acredita-se que o livro cumpriu o objetivo ao qual se propôs: tratar dos gêneros do discurso em diálogo com a teoria dos multiletramentos no contexto da hipernormatização. No entanto, acreditamos que a discussão iniciada, de forma embrionária no quarto capítulo, sobre as mudanças ocorridas com o advento da hipernormatização nas formas de enunciar e nos textos/gêneros, precisaria de um aprofundamento epistêmico sobre o funcionamento/operação dos gêneros discursivos na produção de conhecimento e, ainda, qual o papel desses gêneros para a manutenção ou mudança das (novas) práticas sociais e das esferas de comunicação dentro do atual *modus operandi* multicultural, multissemiótico, hipermoderno, convergente e participativo, tendo em vista que a teoria dos gêneros discursivos de Bakhtin e do Círculo mostra-se receptiva e

potencializadora de tais discussões, encontrando grande expressão na análise dos enunciados multimodais, híbridos e intercalados, pois “possibilita uma contextualização sócio-histórica dos gêneros e práticas de linguagem que permite não só um tratamento teórico-metodológico no estudo dos gêneros, mas também sua didatização na/pela escola” (ROJO; BARBOSA, p. 133).

Pensamos que a ausência de considerações finais, proposital ou não, é um anúncio de que as reflexões ali presentes, sobre os gêneros discursivos relacionados às práticas sociais, não se esgotaram, o que sugere que podemos esperar, em breve, outro volume, em colaboração ou não das autoras, sobre o tema, com novos questionamentos e respostas ou, no mínimo, a busca de inteligibilidade sobre tais questionamentos a fim de ampliar suas reflexões acerca dos gêneros hipermidiáticos e os multi e novos letramentos suscitados pela hipermídia na hipermodernidade.

O livro destina-se aos professores da educação básica, licenciandos dos cursos de Letras, Pedagogia e áreas afins, ou seja, aos interessados nos estudos da linguagem, dos gêneros do discurso e do ensino de línguas materna e/ou estrangeira, apresentando-se como uma boa indicação para aqueles que querem adentrar na discussão sobre gêneros discurso e suas relações com a atividade humana e o ensino de línguas.

Resenha recebida em: 22/05/17

Resenha aceita em: 22/06/17